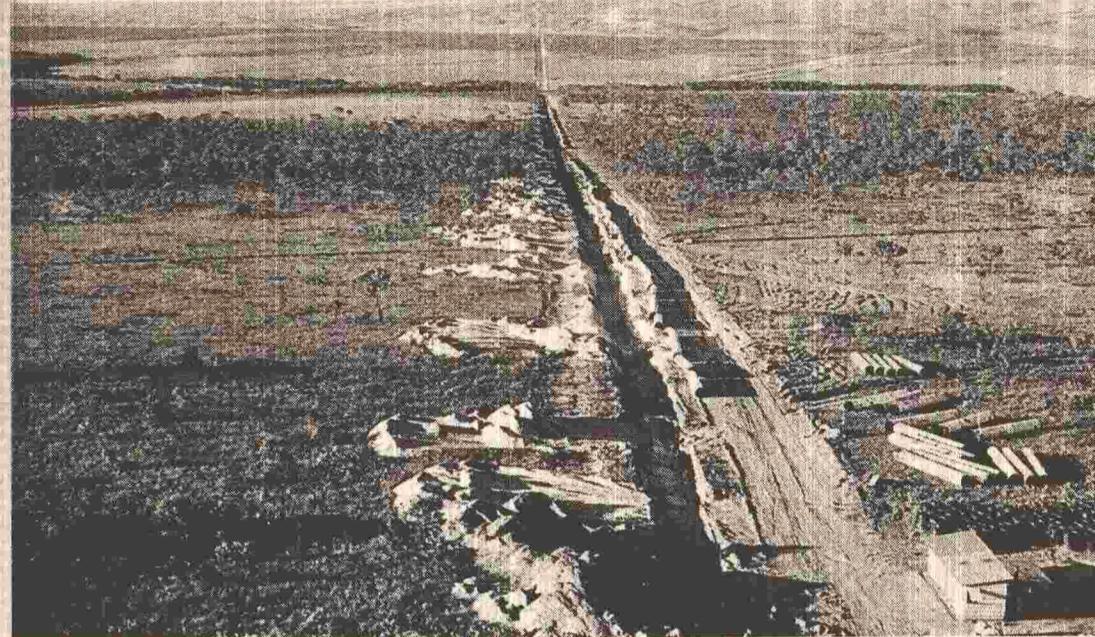


Fotos: Arquivo Público do DF

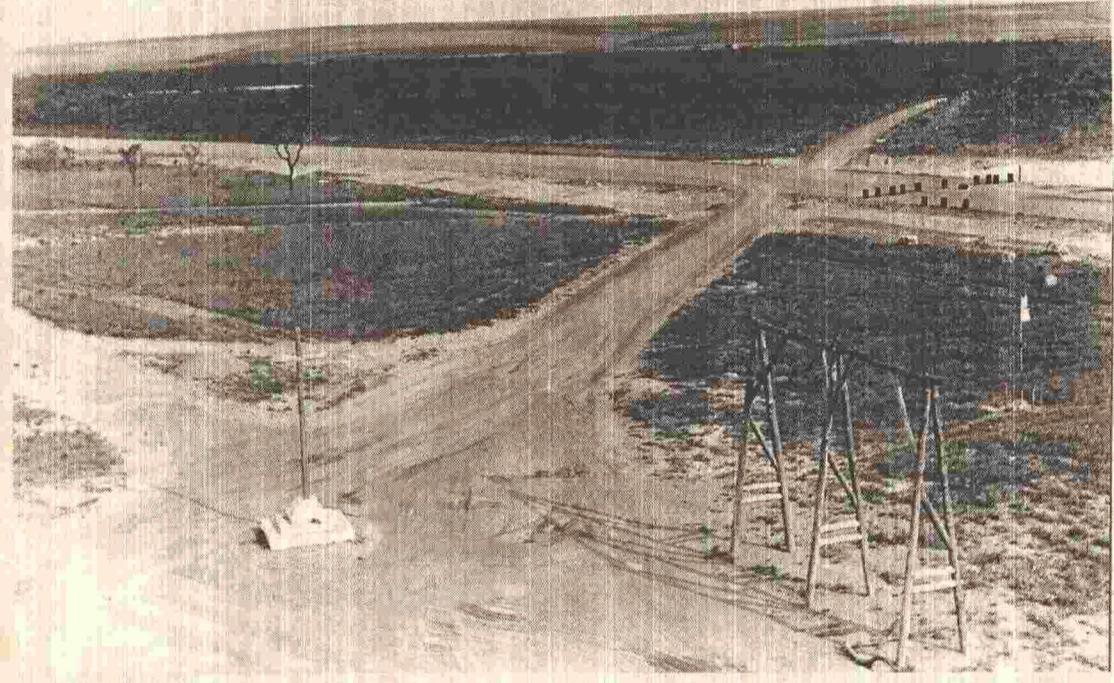


A CIDADE, EMPREENDIDA POR KUBISTCHEK E CRIADA POR NIEMEYER SOBRE O PLANO PILOTO DE LUCIO COSTA, ERGUA SUAS BRANCAS E PURAS EMPENAS NAS ANTIGAS SOLIDÕES DO PLANALTO CENTRAL DE GOIÁS, EM EXTENSÕES APASCENTADAS PELA VETUSTEZ DA TERRA E PELA PRÓXIMIDADE DO INFINITO, NUMA PAISAGEM DE OXIGÉNIO, SILENCIO E SAUDADE DAS ORIGENS”

VINICIUS DE MORAES, COMPOSITOR

A TOPOGRAFIA

O TERRENO ONDE SE ASSENTA A CIDADE MODERNA É UM ANFITEATRO QUE DESCE DO CRUZEIRO PARA LESTE E OESTE. É A MONUMENTALIDADE ORIGINAL DO PLANO PILOTO



ELE ESPERAVA POR ELA

CONCEIÇÃO FREITAS

Pense numa bacia de boca para cima. Agora pense na mesma bacia de boca para cima com o fundo elevado. É essa a topografia do Plano Piloto, um domo num vale cercado por um anel de chapadas. Quem está entre a Asa Norte e a Asa Sul, o Eixão e o Eixo Monumental terá sempre o horizonte acima de seus olhos como uma eterna e imutável onda do mar.

A topografia do Plano Piloto é muito mais que um conjunto contínuo de acidentes geográficos. As elevações e os declives do sítio no qual Brasília se deitou fazem parte do projeto de Lucio Costa do mesmo modo que as escadas, as asas, os eixos e os vazios. “A primeira escala da monumentalidade, o primeiro monumento, é o próprio sítio natural cuja marca é o horizonte”, escreveu o arquiteto Antônio Carlos Carpintero, professor da Universidade de Brasília e autor de *Brasília, prática e teoria urbanística no Brasil, 1957/1998*, tese de doutorado.

O ponto mais alto desse domo (a elevação convexa no fundo da bacia) é a Praça do Cruzeiro, 1.175 metros acima do nível do mar. Dele, a leste e a oeste, o terreno vai descendo em degraus, até chegar à Praça dos Três Poderes, de um lado, e à Rodoviária, de outro. Há um divisor de águas que se prolonga no domo de leste a oeste — é sobre ele que se sustenta o Eixo Monumental. O Eixão Sul segue na meia encosta, acompanhando a curva de nível, ou seja, segue sem sustos, sem descidas nem subidas até o final das asas. O Eixão Norte sobe e desce em alguns pontos, mas muito suavemente.

É como se o terreno tivesse sido preparado por um deus da geologia para uma cidade desejada. Houve quem percebesse isso de pronto. Brasília ainda estava sendo construída quando um banqueiro francês percebeu o encontro perfeito da natureza com a genialidade humana. Levado por Israel Pinheiro até a Praça do Cruzeiro, o banqueiro francês Henri Burnier, entendeu tudo. Fez uma curva completa em torno de si mesmo, percebeu que estava no topo de um anfiteatro, e comentou: “Il parait qu’elle attendait la ville (“Parece que ele [o terreno] estava esperando a cidade”).

Ele percebeu o que outro francês, o botânico Auguste Glaziou anteviu no final do século 19, quando fez parte da Missão Cruls. Glaziou ficou tomado pelo que viu e descreveu seu encanto em trecho muito conhecido pelos especialistas no assunto: “Enfim, de jornada em jornada, estudando tudo: qualidade do solo, vantagem de águas, clima, caráter do conjunto da paisagem, etc., cheguei a um vastíssimo vale banhado pelos rios Tordo, Gama, Vicente Pires, Riacho Fundo, Bananal e outros; im-

pressionou-me profundamente a calma severa e majestosa desse vale”. Vale e significa porque já existe na topografia, antecede o urbanismo e a arquitetura.

Carpintero acredita que Lucio Costa foi o único ou um dos poucos candidatos ao concurso do Plano Piloto que leu “de fato” o Relatório Cruls. O inventor da cidade se apropriou da monumentalidade natural do terreno para, a partir dela, desdobrar asas e eixos sobre a suave sinuosidade do terreno. Carpintero cita trechos que ele considera reveladores do respeito que o arquiteto teve para com a monumentalidade do domo cercado de chapadões no qual ele projetou sua invenção. No quinto parágrafo do Relatório do Plano Piloto, Lucio Costa escreveu: “Monumental não no sentido de ostentação, mas no sentido da expressão palpável, por assim dizer, consciente, daquilo que vale e significa (...).”

Quando se colocou diante dos mapas topográficos do Sítio Castanho, Lucio Costa tomou uma decisão que se contrapunha “ao padrão de monumentalidade de capitais com até então se via”, diz Carpintero. A Cúpula de São Pedro, no Vaticano, a Cúpula de Washington, o Congresso de Camberra, na Austrália, são alguns exemplos de como o prédio mais importante de uma capital ocupa o ponto mais alto do terreno, explica o professor.

Lucio Costa fez diferente: pôs a Torre de Tevê no alto e a Praça dos Três Poderes embaixo, como em Paris, cidade que conhecia bastante (o arquiteto nasceu em Toulon e viveu na Europa até a adolescência). “O Arco do Triunfo está no alto e a Praça da Concórdia está no nível do rio junto com a Assembléia Nacional”, lembra o professor da UnB. É bem verdade que a Esplanada se sustenta num terrapleno de seis a oito metros acima do nivelamento original. Ou seja: foi preciso uma grande obra de terraplenagem para diminuir a inclinação que ia da Torre até o Lago Paranoá. O aterramento foi necessário para produzir o efeito que se tem da Esplanada vista da Rodoviária. Em vez um terreno em declive intenso, uma mão estendida para sustentar dignamente o poder.

Para inventar a cidade, Lucio Costa reverenciou não apenas a topografia. Ele conteve os volumes dos prédios para que eles não interrompessem a monumentalidade do céu. Não é que o azul acima de nossas cabeças seja aqui maior do que em qualquer outro território. É que aqui os prédios não o bloqueiam. Os vazios entre um prédio e outro e os edifícios de poucos pavimentos faz com que o brasiliense consiga ver o céu sem precisar levantar a cabeça, explica o professor Antônio Carlos Carpintero. Aqui, a gente não precisa procurar pelo céu.”

SÍTIO CASTANHO, SUAVE DECLIVE

Antes de se chamar Plano Piloto, a área que vai do Lago Paranoá até a Epia, do Vicente Pires ao Bananal, se chamava Sítio Castanho. Havia outros, de outras cores. O Amarelo, o Azul, o Verde e o Vermeilho. Esse havia sido o truque do marechal José Pessoa, presidente da Comissão de Localização da Nova Capital, para despistar a especulação imobiliária que já farejava lucros exorbitantes com a escolha da área onde Brasília seria construída.

Depois de uma votação feita por um grupo de cinco arquitetos e engenheiros (Nelson de Senna Dias, Raul Pena Firme, José Oliveira Reis, Salomão Serebrenick, Fábio Macedo Soares e Júlio Reis), veio o Sítio Castanho, com 867 pontos contra 800 do segundo colocado, o Sítio Verde. Os votantes levaram em conta a topografia, a drenagem, a qualidade do solo para agricultura e engenharia e a geologia. O Relatório Belcher, feito por uma empresa norte-americana, já anunciará as qualidades evidentes do Sítio Castanho para um projeto urbanístico de capital de um país. “Da forma por que os sítios foram estudados, ver-se-á que no Sítio Azul existem muitas possibilidades de escolha, enquanto que o Castanho oferece um ponto focal natural para o centro cívico federal em terreno inclinado e próximo a excelentes áreas planas para localização de aeroportos.”

O Sítio Castanho se sobressai nitidamente em relação aos demais no que diz respeito à monumentalidade de sua topografia. “A fisiografia deste sítio, a 25 quilômetros a sudoeste de Planaltina, diz Belcher, é inteiramente diferente da dos outros quatro. Seu detalhe topográfico principal é um domo de forma triangular definido pelo córrego [Riacho] Fundo e o Ribeirão Bananal, quando se juntam para formar o Rio Paranoá, que então corre no rumo leste para o Rio São Bartolomeu.”

Mais adiante: “A extensa planície, de suave declividade para os rios limítrofes, presta-se ao desenvolvimento de uma grande cidade de qualquer tipo possível, sem a obrigação de interromper acidentes topográficos (...).”

Um território esperando uma cidade: “A área focal do sítio, como delimitado, é um triângulo na confluência do córrego [Riacho] Fundo e do Ribeirão Bananal, mas os vales a sudeste e nordeste foram incluídos, juntamente com as encostas dos divisores mais afastados. Essas encostas, ao lado dos vales, são suaves e adequadas para edificações (...). Este sítio é o único entre os cinco que possui um ponto focal destacado para o agrupamento dos edifícios públicos e a sede do governo.”

Se o sítio esperava pela cidade, sua fronteira leste esperava pelo lago. Como Auguste Glaziou prenunciou no Relatório Cruls: “Entre os dois chapadões (...) existe imensa planície, em parte sujeita a ser coberta pelas águas da estação chuvosa; outrora era um lago devido à junção de diferentes cursos de água formando o rio Paranoá (sic)”. A brecha funda que se formou com o excedente desse lago, se fechada, “forçosamente a água tornará ao seu lugar primitivo e formará um lago navegável em todos os sentidos ...”

Brasília já existia não apenas como mito de uma Nação. No Planalto Central, havia um território preparado para ela.